

ROBSON MARQUES MACHADO

**A IMPORTÂNCIA DA CULTURA HIP HOP NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR E SUA APLICAÇÃO ATRAVÉS DO BREAK DANCE**



Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

**CURITIBA
2004**

ROBSON MARQUES MACHADO

**A IMPORTÂNCIA DA CULTURA HIP HOP NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR E SUA APLICAÇÃO ATRAVÉS DO BREAK DANCE**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná. Turma “Y” – Prof. Iverson Ladewig

Prof. Orientadora: Cristina C. Medeiros

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus e a minha família que na medida do possível me auxiliou a chegar onde estou, e me deu todas as condições necessárias.

Agradeço ao grupo Flying Boys Crew que me ensinou um estilo de vida, e me deu além de um grupo de dança um grupo de amigos.

Agradeço aos colegas de faculdade, que me ajudaram muito durante minha formação acadêmica.

Um especial agradecimento aos colegas que participaram comigo nos projetos de extensão na área dança, pois sem eles eu nunca teria os olhos que possuo para esta arte.

A minha orientadora Professora Cristina C. Medeiros.

Agradeço a todos aqueles que auxiliaram durante estes anos de curso.

EPÍGRAFE

Que pena Brasil você acredita na novela;
no programa culinário da velha tagarela;
você é uma seqüência de tubo de PVC, repleta de
vazamento entende,
tá cheio de água vazando pela tangente;
situações drásticas requerem medidas urgentes;
Brasil uma piada nova e sem graça;
a culpa é do governante ou da massa;
como aquela velha pegadinha;
quem nasceu primeiro o ovo ou a galinha;
quem nasceu primeiro a dívida ou Brasília...

(Mc Magú, Que Pena)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	v
RESUMO	vi
INTRODUÇÃO	1
JUSTIFICATIVA	3
OBJETIVOS	4
Geral	4
Específicos	4
HIPÓTESES	4
Pergunta Norteadora	5
REVISÃO DE LITERATURA	6
APONTAMENTOS HISTÓRICOS	6
O HIP HOP COMO UM TODO	8
A DANÇA	12
O GRUPO FLYING BOYS CREW	14
METODOLOGIA	17
DISCUSSÃO	19
CONCLUSÃO	23
REFERÊNCIAS	25
ANEXOS	26

Lista de Figuras

Figura 01	Exemplo de graffit	27
Figura 02	Freeze	28
Figura 03	Foot Work	29
Figura 04	Grupo de Break Flying Boys Crew	30
Figura 05	Aulas 01	31
Figura 06	Aulas 02	32
Figura 07	Aulas 03	33

RESUMO

A Educação Física escolar pode encontrar uma diferente maneira de educar o aluno para o movimento, através da cultura Hip Hop. Uma vez que o *Break*, parte integrante desta cultura, é um estilo de dança que se bem fundamentado pode se difundir facilmente dentro do universo juvenil, além de possibilitar no auxílio do requinte de aptidões importantes para a formação do indivíduo como cidadão. A historicidade de luta contra o preconceito, a discriminação e a injustiça social, reforça a importância de implantação do Hip Hop dentro das escolas como um conteúdo a ser trabalhado por diversos professores, e o professor de Educação Física possui toda liberdade para esta aplicação do mesmo, através do caráter corpóreo do *Break Dance*. O presente trabalho se baseia na fundamentação teórica e de vivências de ensino e aprendizagem que reforçam e fundamentam as hipóteses levantadas.

1. INTRODUÇÃO

Parte-se da idéia que o *Break Dance*, integrante da cultura Hip Hop, pode transmitir valores importantes para a formação do indivíduo, uma vez que este sente um artista, mesmo que seja por um breve momento, isso auxilia na valorização de sua expressão e na importância de sua participação social. Ser um artista implica em alguns momentos, a possibilidade e a necessidade de se expressar de uma maneira não usual pela sociedade como um todo, sociedade esta assolada pela luta de classes que reprime e obriga as pessoas a ficarem cada vez mais estáticas e paralisadas, uma vez que se manifestar pode resultar em reações adversas ao objetivo da expressão.

O indivíduo que se envolve com as artes plásticas, por exemplo, coloca em seus trabalhos, sejam eles pinturas, estatuas, gravuras, entre outros, uma mensagem, algo que o autor provavelmente não teria a propensão de alcançar, de outra maneira, seja em quantidade de público, clareza ou obscuridade na mensagem, reconhecimento ou descontentamento, sejam eles propositais ou não. E todos esses fatores são muitas vezes subliminares e não estão diretamente à frente dos olhos de quem aprecia ou até mesmo de quem constrói a obra, e isto é uma constante em diversas manifestações artísticas.

A constatação disso se dá devido à vivência dentro da prática do *Break*, assim como a relevância de sua aplicação nas aulas de Educação Física escolar observando-se a modificação que pode ocorrer nessas aulas, geralmente embasadas em um conteúdo limitado a aplicação dos esportes coletivos e que na maioria dos casos, carece de qualidade e sustentação teórico-reflexiva.

Tem-se que a cultura Hip Hop discute relações de raça e gênero em diversos setores cotidianos da vida moderna e se observa uma transmissão de valores embasados no cooperativismo, além de que o *Break* desperta a criatividade do indivíduo. Mas sua prática sem uma orientação adequada pode ocasionar problemas, ou seja, já que a principal característica do *Break* é a disputa dentro de uma roda de dança em que aquele que melhor se expressar ganha. Assim existe a figura do perdedor, e isso deve ser trabalhado pelo

professor. Outro pressuposto importante é o sentimento de grupo que às vezes pode acabar se confundindo com uma adoração simbólica. O indivíduo, dançarino e praticante do *Break* deve sentir-se fazendo parte do grupo, e não apenas se guiar através de bandeiras, nomes em camisetas e outros afins. Uma confirmação disso pode ser encontrada em um evento Hip Hop ocorrido em 1999 na cidade de São Paulo, um dos presentes questionou o palestrante: O que é preciso para formar um grupo de *Break*? e ele respondeu: Amizade entre os membros. O Palestrante era ninguém mais importante do que Crazy Leags¹. Por assim tendo-se a apresentação desta forma de dança como uma matéria de peso formativo cultural, social, afetivo, moral e motor, além de outros, portanto educativo de maneira ampla para o aluno, tem-se um importante caminho a ser seguido pelo professor.

Quando se entra em uma roda de *Break*, em que o centro do das atenções é o dançarino chamado *B.boy* ou *B.girl*², que tem o compromisso de curtir a musica acima de tudo e tentar demonstrar aquilo que esta sentindo através de movimentos, se pode afirmar que o frio que se sente no estomago, a tensão nos ombros e calafrios, ocorrem apenas nos primeiros passos, depois é apenas uma levitação ritmada, o desconforto é amenizado, e com a experiência no passar do tempo é neutralizado.

Observa-se nesta dança uma serie de conceituações históricas e de perfis que podem ou não ser seguidos pelos praticantes, mas muitas vezes se vê que apenas um ou outro é levado em consideração, desprezando os demais, ou seja, a pluralidade é descartada, reluta-se a dialogar com outras ideologias, e isso não acontece somente na dança, o individualismo ideológico é freqüente em todo o Hip Hop.

Pela mesma disputa existente no *Break*, muitas vezes a rivalidade entre grupos pode se tornar extrema e conseqüentemente, deteriorar os ideais do Hip Hop. Não foram poucas as vezes que as rodas de *Break* ficaram com um clima tenso, que resultaram em discussões ofensivas e de falta de respeito,

1 Este é um dos membros fundadores da Rock Stead Crew, um dos mais antigos grupos de Break de Nova Iorque (EUA).

2 Garoto ou garota que Dança Break, Breaker Boy ou Breaker Girl.

presenciei até uma ação de violência. Um fato como esse é totalmente contraditório ao discurso empregado pela cultura, contudo serve como parâmetro de discussão para futura aplicação, mas não pode ser encarado como um fator de descarte da atividade. Se fosse assim o esporte jamais poderia ser aplicado, uma vez que o desporto de auto nível é modelo para os alunos, e as cenas de violência dentro e fora das partidas, são muito freqüentes.

Uma vez que a dança criativa é um conteúdo da dança na escola, e sabendo que o *Break* possui diversas características criativas ou que estimulam a criatividade dos praticantes ela não pode ser descartada pelos professores. Não deve ser descartada também se apoiando no fato de que esta cultura contribuiu para o desmonte das gangues nova-iorquinas, nos Estados Unidos além de constituir a identidade cultural de um povo desde os anos 60, servindo assim de exemplo para atividades sócio-culturais semelhantes. Devido a fatores já mencionados anteriormente o *Break Dance*, pode ser um limitante da agressividade, uma vez que não existem gangues e sim grupos de *Break*. Existe uma facilidade para o desenvolvimento desta pratica nas escolas publicas, sendo que se observa o desenvolvimento desta cultura dentro das periferias dos grandes centros urbanos em todo o mundo, levando uma arte politizada para aqueles que mais tem problemas de ordens diversas, em seu cotidiano.

1.1 JUSTIFICATIVA

O presente estudo busca dar vazão a cultura Hip Hop para dentro do universo escolar, uma vez que os princípios enraizados nessa cultura podem proporcionar ao aluno um crescimento no conhecimento das questões de ética e cidadania social e com isso formar uma pessoa mais consciente, critica e criadora. Uma vez que este assunto esta a todo o momento repercutindo em diversos meios de comunicação nada é mais interessante do que instigar o debate acadêmico dos estudantes de Educação Física ao redor do Hip Hop como meio pedagógico educacional. Poucos são os estudos que tratam diretamente deste assunto que é tão rico em sua plenitude que vem desde seus primórdios dos guetos do

Brooklin(NY), Brox(NY)³ dentre outros bairros e cidades dos estadunidenses. Além de ser um conhecimento construído historicamente pelo homem.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Demonstrar o caráter pedagógico da cultura Hip Hop aplicado nas aulas de Educação Física escolar.

1.2.2 Específicos

1. Caracterizar a cultura Hip Hop como um importante meio educacional.
2. Propor a reflexão de um conhecimento que forneça elementos para se trabalhar o *Break* nas aulas de Educação Física.
3. Destacar o conhecimento histórico que fundamenta todos os valores e conceitos enraizados dentro do Hip Hop, que levam a discussões político sociais.
4. Explorar, a partir de exemplos de uma situação de ensino/aprendizagem em uma escola pública da cidade de Pinhais, os pressupostos que podem ser utilizados para a aplicação pedagógica da cultura Hip Hop.

1.3 HIPÓTESES

A dança é um conteúdo importantíssimo nas aulas de Educação Física que permite ao aluno uma investigação de seus limites físicos, psicológicos e pedagógicos. O Hip Hop por si só, devido à maneira como age nas periferias como uma vacina contra o crime, já é uma ferramenta fundamental para a educação e pode ser utilizada em todas as disciplinas dos currículos escolares, o *Break Dance* por proporcionar o movimento humano pode ser facilmente

³ Bairros da cidade de Nova Iorque, Estados Unidos.

incorporado a Educação Física, e também em outras disciplinas, além de ser um conhecimento historicamente construído pela sociedade, e por isso se justifica a sua aplicação.

O Hip Hop pode ser entendido como Cultura Popular, e não apenas como um movimento social, os ideais de militância política podem estar presentes dentro da cultura.

1.3.1 Pergunta Norteadora

Qual a importância e a contribuição da cultura Hip Hop dentro das escolas, sendo trabalhada pelo professor de Educação Física através do *Break Dance*?

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 APONTAMENTOS HISTÓRICOS

O Hip Hop e suas raízes tem origens nos E.U.A, como afirma Herschmann, “*Dj’s* como o jamaicano Kool Herc e seu discípulo Grend Haster Flash começaram a dar festas no gueto do *Bronx (NY)*”; (HERSCHMANN, 2000 p. 189). Festas essas que tinham o propósito de reunir a comunidade pobre para um momento de alegria e interação popular. Sobre estas festas Shetara afirma que:

“No início dos anos 70 os guetos americanos tinham organizadores de festas que estavam deixando um estilo novo de fazer musica se desenrolar, esse novo estilo envolvia outros elementos culturais, havia a figura de um *Dj (Disk Jôquei)* e um *Mc* (Mestre de Cerimônia), eles faziam eles faziam uma espécie de casamento entre a maquina e o humano. Foram festas intensas e gente do *Blooklin, Quens, Bronx, Harlem*⁴ e outros pontos de Nova Iorque, as freqüentavam em massa. Era uma catarse: Jovens festejavam bebiam, criticavam o sistema opressor, a repressão a imigrantes, a tensão na guerra do Vietnã que levava lotes de jovens as trincheiras. Viram ali um campo novo para um estilo musical, onde tinha por objetivo extravasar suas emoções.” (SHETARA p.15)

Estes são os principais temas que faziam parte do cotidiano dos jovens que iniciaram esta cultura, que sempre preservou o caráter de discussão dos problemas sócias. Baseado no livro “A nação Hip Hop de Paulo Shetara”, vê-se que outros na década de 70 também foram responsáveis pela disseminação dessa cultura, tal como o *Dj Breakout and Funk Four* e o *Mc África Baambaataa*, inventor da expressão “Hip Hop”, Hip quer dizer quadris e Hop quer dizer balançar, “ a expressão Hip Hop surge pela primeira vez na musica “Rappers Deligth” do Sugar Hill Gang” (SHETARA, p.14). Esta musica possui uma importante mensagem de protesto e de informação política, assim como outras dessa época, e se tem indícios de que seja a primeira musica de *rap*⁵ a ser gravada. Antes do *rap*, existia o *funk* e o *soul*, “jovens dançavam *funk* e *soul* usando passos extravagantes e o *break* nasce como uma expressão de vanguarda em relação

⁴ Bairros da cidade de Nova Iorque EUA

⁵ Ritmo e poesia, estilo musical original do Hip Hop, ver Anexo 2

aos ritmos da época” (SHETARA, p. 18), o *Break* como veremos a seguir mais detalhadamente é um dos elementos dessa cultura.

Um importante precursor da musica *funk*⁶ James Brown, em uma de suas musicas ressalta que o mundo precisa de paz, união e *funk*, sem falar na expressão "Say it loud: Im black and proud! (Diga alto: sou negro e orgulhoso!), frase de Steve Biko, líder sul-africano. Mas logo essa expressão musical caiu na mão do sistema⁷, virou fórmula comercial, perdeu seu potencial de protesto” (PIMENTEL, 1997 p. 5), letras e palavras de protesto são uma constante no Hip Hop, assim como o fato da comercialização destes ideais pela industria cultural. “Nesta época (década de 60/70) proliferou-se uma grande discussão sobre direitos humanos e, nesta ordem dos fatos, os marginalizados da sociedade de Nova Iorque se articularam para fazer valer suas propostas na eliminação das suas inquietações” (COSTA, 2003 p 05) Inquietações tais como, leis trabalhistas que acabarem com a exploração da mão de obra negra e imigrante, estes em grande maioria latinos vindos do México e de suas proximidades. Ainda “nesta época grandes lideres negros como Martin Luther King e Malcom X, bem como muitos grupos surgem com propostas diferentes, mas com um mesmo objetivo: lutar pelos direitos humanos dos negros como os Panteras Negras⁸” (COSTA, 2003, p. 05). Essas manifestações tomam uma nova roupagem na atualidade, mas falando de temas semelhantes, como se vê na música do Mc brasileiro Thaide:

Pretos velhos que não voltam mais;
 Ancestrais seguidos de bravos guerreiros;
 Faziam o Brasil inteiro se curvar;
 Diante de tal, bravura;
 Que loucura;
 Só para todo gosto defender;
 Aquele lugar;
 Que se chamava Palmares.

⁶ estilo musical que estimulou a criação do hip hop

⁷ Industria cultural, capitalismo, entre outros fatores que manipulam a sociedade.

⁸ BLACK PANTERS, movimento anti-segregacionista

Sendo assim o Hip Hop na medida que foi se difundindo em outros países se adaptou às culturas locais, existem diversas músicas de estilo *rap* que utilizam toques instrumentais de Atabaque e Pandeiro⁹.

Ressalta-se que os *Djs* tem uma contribuição histórica importante sobre o hip hop, logicamente sem desmerecer os outros elementos, pois sem eles talvez esta cultura nunca tomasse a posição que possui atualmente, e provavelmente até não existiria, esse elemento se inicia com os *Sound Systems*¹⁰ originários da Jamaica que ao chegarem nos Estados Unidos e se adaptaram a cultura local, tocando *funk*, *blues* e *jazz* nas ruas norte-americanas, “o *Dj* jamaicano Kool Herc, introduziu em Nova Iorque a tradição dos *Sound Systems* e do canto falado” (COSTA, 2003 p. 7-8). Estas são as indicações do princípio da cultura Hip Hop, que fixa suas raízes em Nova Iorque. E ainda se têm indicações de que alguns estilos de dança que compõe o *Break* tenham surgido em Los Angeles, cidade do estado da Califórnia (EUA).

2.2 O HIP HOP COMO UM TODO

O principal local onde se constata o maior desenvolvimento cultural Hip Hop é dentro das periferias dos grandes centros urbanos, como forma de protesto da classe oprimida, como vemos em várias letras de rap que denunciam e criticam a violência policial. Vê-sê que essas críticas em alguns momentos podem ser questionadas, por exemplo:

"BB Boys é o nosso nome
 BB Boys somos nós
 Periferia é o nosso exemplo
 E o rap é a nossa voz.
 Põe polícia na parada e nem se liga na real
 A farda é uma jaula que só cabe um animal.
 Aqui não é gueto americano, é periferia brasileira...”
 (Mano Brow, BB boys)

⁹ Instrumentos musicais utilizados na capoeira.

¹⁰ Aparelhagem de som, constituída de um toca-discos e uma caixa de som.

Dependendo do ponto de vista de quem escuta está musica, varias reações podem ser esperadas, indiretamente têm-se a afirmação de que policiais são violentos e irracionais, como um todo, será que todos realmente são assim? Essa é uma questão que precisa ser analisada.

Observa-se uma grande aceitação dessa cultura por parte dos adolescentes menos favorecidos desta sociedade, "a maior parte dos jovens (sobre tudo os rapazes) opta pelas danças de rua (*rap, funk, break*). Apesar dessas danças possuírem uma movimentação considerada agressiva pelos adultos, elas fazem parte do universo destes jovens" (STRAZZACAPPA, 2001 p.74). Pôde-se observar um equívoco nesta citação, uma vez que o "*rap*" não é um estilo de dança, mas, sim um estilo musical, contudo sua intenção é compreensível, uma vez que muitos se confundem com as terminologias próprias do Hip Hop, e sua afirmação é verídica sendo que isso ocorre principalmente no Brasil, uma vez que se observar o Hip Hop hoje em dia nos EUA o que se vê são musicas de cunho apelativo sexual, na grande maioria, sem falar nos clipes que mostram os cantores desfilando em carros de luxo e cercados de lindas mulheres, no Brasil isso ainda não acontece o *rap* como um meio informativo ainda esta em alta, mas a industria cultural está impulsionando para uma versão mais comercial.

No decorrer deste estudo se coloca o Hip Hop como cultura popular e não como movimento social, uma vez que diversas pessoas o intitulam de "Movimento Hip Hop", então se analisa esta afirmação com um olhar embasado na Antropologia Social, tem-se o seguinte conceito de cultura:

"É a maneira de viver total de um grupo, sociedade ou país. É um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, estudam modificam o mundo e a si mesmas. É por que compartilham deste código é que determinado grupo vive junto, podem estabelecer relações entre si porque a cultura lhes forneceu normas de comportamento". (DA MATTA, 1986, p. 1).

E vê-se que nas pessoas envolvidas no Hip Hop, estas características estão presentes. Após observar este apontamento, pergunta-se, então porque não se pode dizer A Hip Hop (cultura), e sim O Hip Hop, afirmação essa que reforça a idéia de Movimento. Quando se questiona as pessoas envolvidas neste meio

cultural que defendem este ponto de vista não se obtém respostas convincentes, apenas repetem “O Hip Hop” não refletindo sobre sua nomenclatura por ser mais cômodo, reforçando a idéia de movimento e não de cultura, uma hipótese é que isso se deva a incorporação de uma palavra de outro idioma a língua portuguesa. Uma das opiniões que se obteve é que quando uma pessoa está em um movimento social, como o dos TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, ela está no movimento até conseguir a sua terra, depois disso ela pode até continuar contribuindo com o movimento, mas ela não é mais um SEM TERRA. No Hip Hop isso não acontece, uma vez que se entra no meio, será sempre considerado como um MANO DO HIP HOP, existem outros que agregam a esse meio afirmam que o Hip Hop é um movimento Sócio-Cultural, mas embasado nas considerações de Roberto da Matta, levanta-se a hipótese de que esta denominação ainda não complementa o sentido amplo da palavra cultura, ou seja a idéia de movimento social está intrínseca na idéia de cultura. Existem autores que se referem a este assunto reforçando que o Hip Hop é de um Movimento Social, uma vez que “movimentos sociais projetam a organização e tem como prioridade forjar coletividades, e novos movimentos sociais vão surgir, a partir do momento que novas identidades culturais forem construídas, dessa forma surgiu também o Hip Hop” (SILVA Jr. 2002, p.9). Se as pessoas que estão diretamente envolvidas neste meio ainda não chegaram a um entendimento, este trabalho seguirá até o fim se referindo como O Hip Hop, cultura popular por se acreditar que seja a denominação mais ampla e completa para o termo em questão.

No Hip Hop existem quatro elementos que a compõem, são eles: **Mc's** são os que compõem e cantam os *Raps*, considerados como mestres de cerimônias, animam os eventos promovidos por esta cultura, ou seja, eles informam as pessoas do que está acontecendo como, por exemplo, narrar os rachas¹¹ de *Break*; **Dj's** são os que produzem o som eletrônico para o *Mc* cantar ou para o *B. Boy* dançar, como foi comentado anteriormente iniciaram seu trabalho com os *Sound Sistens*, que evoluíram e na atualidade o que um Dj utiliza

11 Momentos de interação entre dançarinos de Break, que simulam uma espécie de batalha dançada

são dois toca-discos e um Mixer¹²; **B.Boys** são os que dançam o *Break*; **Grafitheiros** são os que fazem a arte plástica, arte esta, o Graffit¹³, que é um dos elementos mais antigos desta cultura, surgiu da maneira como é visto hoje com os *Punks* norte americanos e foi incorporada ao Hip Hop, mas existem alusões às antigas pinturas rupestres que datam de antes de Cristo, uma vez que o principal local onde são feitas estas pinturas são em muros e paredes.

Esses elementos integrados através de ideais de companheirismo e cooperativismo formam a cultura Hip Hop, que possui uma arte crítica e politizada.

Tem-se ainda o **Rapper**, que é um compositor e/ou cantor de *rap*. Costuma-se ocorrer uma pequena confusão epistemológica entre o que seria o *rapper* e o *Mc*. Alguns chegam até mesmo duvidar de seu pertencimento ao elenco cultural Hip Hop. E essa é a principal questão que devemos discutir neste momento, pois existem pessoas que não consideram o *rapper* como um novo elemento, por se tratar de artistas que não englobam todos os elementos da cultura, e se tem indício claro disso na afirmação do *Rapper* paulista *PMC*, “o *rap* tomou conta do Hip Hop. Se em alguns shows, você colocar *Break* ou *Grafitagem* o pessoal logo diz que é careta” (HERSCHMANN 2000 p. 200), e alguns afirmam que o *rap* dos *Rappers* está muito radical, chegando a marginalizar a cultura e, com isso, não aceitam letras de *rap* que, em seu vocabulário, contenham palavras de cunho, dito por eles, vulgar, como a que se mostra em seqüência...

(...) Vão invadir o meu barraco é a policia!

Vieram pra arregaçar

Cheios de ódio e malicia

F.D.P. comedores de carniça (...)

(Racionais Mc's, O homem na estrada)

Esta questão gera conflitos e polêmica na comunidade interna e externa da cultura, conflitos estes que podem se tornam prejudiciais, comprometendo os ideais buscados por esses jovens (que compartilham da cultura Hip Hop), que são de haver uma integração comunitária social, onde não

12 Aparelho utilizado para realizar colagens musicais fazendo com que uma musica inicie antes que a anterior acabe

13 Ver Fig. 01

exista diferença ou discriminação. Espera-se uma solução para esta situação e um dos objetivos secundários deste estudo é o de instigar a discussão acadêmica em torno desta e de outras polemicas que permeiam o assunto em questão, para que novas posições sejam tomadas, pois a neutralidade não é interessante no possesso de aperfeiçoamento intelectual.

2.3 A DANÇA

O *Break* pode ser dividido em dois estilos básicos o *B.Boying* nascido em Nova Iorque, e o *Electric Boogie* que surgiu na cidade de Los Angeles na Califórnia.

Sobre o *Electric Boogie*, de acordo com o Grupo The Face, pode-se dizer que é subdividido em dois sub-estilos: o *Popping* que é uma dança com passos bem marcados e com uma movimentação que parece imitar um robô, criado por um grupo de *Street Dance* chamado “Electric Boogaloo”, o famoso passo *Mon Walker*¹⁴ de Michael Jackson é originário deste estilo de dança, que além de deslize dos pés no chão o *Popping* também se utiliza de ondulações de braço, ondas no corpo e outras movimentações; ainda se tem o *Locking* criado pelos “The Lockers”, é uma dança repleta de movimentos sincronizados de braços e pernas, sempre com um balanço íntimo com a música, os passos de *Locking* fizeram sucesso nos filmes como “Nos Embalos de Sábado a Noite” nas coreografias de John Travolta.

O estilo *B.Boying*¹⁵, que é o mais conhecido no Brasil e no mundo, possui seus sub-estilos próprios: o *Up rock*, uma dança de simulação de batalha; o *Top Rock*, que é uma dança em cima, com passos bem marcados e precisos, também denominado como passo de *funk* estilizado, o *Foot Work*, que como o próprio nome diz é um trabalho de pés, que é feito bem próximo do chão; os *Power Moves* que são os giros; e o *Freeze* que é uma finalização da entrada do *B.Boy*, ou seja, é uma espécie de pose final da dança. Outros autores afirmam

14 Passo de caminhar para traz deslizando com os pés

15 Ver Figuras 02 e 03

que o *Break* é dividido em quatro Danças e não apenas duas, mas o que se tem é uma separação mais específica dos estilos citados anteriormente, sendo assim o *Break* seria formado por: *Popping*, *Locking*, *B.Boying* e *Up Rock*. Que seriam danças distintas e com origens distintas.

Diversos estilos de Dança que antecedem a criação do *Break*, foram muito importantes para que ocorresse a sua concepção e fornecem passos para as performances dos dançarinos, como por exemplo a dança *Good Foot*, que possui passos próprios com gingado dos pés e uma movimentação típica nos quadris é muito utilizada misturada aos outros estilos. Muitas movimentações de estilos diferentes de dança, movimentos de artes marciais, movimentos originários do esporte, são amplamente usados pelos dançarinos ou servem de inspiração para a criação de novos passos.

Sobre o termo *Break*, que em português quer dizer Quebrar ou Fraturar, pode-se dizer que não foi criado originalmente com a junção dos estilos, foi uma expressão colocada pela mídia com a ascensão do astro pop, Michael Jackson nos anos 80, Muitas são as pessoas integrantes deste meio que não denominam esta dança como *Break*, alguns preferem denominar cada estilo separadamente como eram na origem, outros buscam novos termos como *Original Street Dance* ou *Original Bogan Down Tronce*.

O *Break* é uma dança de ligação permanente com a música, se o dançarino não estiver intimamente consciente das suas batidas, de seus contratempos ou da “levada” (que é o ritmo da rima) do *rap*, não conseguirá dançar.

Esta atividade com o passar do tempo sofreu alterações nos seus conceitos, movimentos originários de outras atividades, como da Ginástica Olímpica, por exemplo, foram incorporados, assim como novos movimentos foram criados, buscou-se e busca-se até hoje uma constante incorporação e criação de movimentos que desafiam as leis da gravidade e dos limites do corpo humano, em contrapartida conhecimentos que foram construídos e aperfeiçoados historicamente pelos iniciadores de tudo isso, acabam sendo deixados de lado, o estilo *Top Rock* por exemplo praticamente já não tido como de suma importância, por uma grande parte de praticantes.

2.4 O GRUPO DE BREAK FLYING BOYS CREW

O grupo Flying Boys Crew¹⁶ que atua no município de Pinhais-Pr, região metropolitana de Curitiba desenvolve atividades culturais há aproximadamente desde meados de 1997, neste tempo os integrantes relatam terem passado por diversas experiências dentro da dança. Novos conceitos sobre a arte do dançar foram criados e reformulados, sendo que neste grupo existem dançarinos com até dez anos de prática do *Break*, que sentiram a necessidade de buscar estudos teóricos e práticos para formar e fundamentar suas opiniões sobre a referida atividade.

Desde maio de 2002, tem sido feito um acompanhamento da atividade desses dançarinos. Em 2002 o grupo possuía cinco membros fixos, sem contar as pessoas que se interessam pela dança e abandonavam rapidamente esta prática, os quais são em grande número.

Embora existindo esse problema, estes possuem um local próprio para os ensaios, não pagam mensalidades, muito menos cobram dos novos freqüentadores e se disponibilizam totalmente entre os membros do grupo, inclusive para os novos, e assim poderem socializar o seu conhecimento, aprendendo, ensinando, criando e recriando novas movimentações, inventando um estilo próprio, livre e independente na arte do dançar. Ensinando a ser levado pela música, e colocar sua expressão pessoal quando realiza os movimentos.

Infelizmente, apesar da boa vontade dos integrantes antigos, talvez os novos membros não se adaptem pelos contrastes na realização das movimentações, a dificuldade no aprendizado pode desestimular a prática, uma vez que a habilidade dos já considerados experientes nem sempre serve como estímulo, pode servir como um mortificador, sendo que alguns novos praticantes não sentem que podem chegar ao nível técnico dos já considerados mais experientes, ou então o abandono pode ser levado pelos fatores gerais da

16 Ver figura 04

desistência das Atividades Físicas “fatores como falta de tempo, distância do local da prática e pouco apoio familiar tem sido apontados como os principais motivos para a desistência” (ORTIS, ISLER, DARIDO, 1999, p. 845), à distância do local da prática é vista dentro do FBC, uma vez que pessoa de diversas localidades vem em busca do *Break* em Pinhais, por exemplo, jovens que se deslocam de municípios como Colombo, Campo Magro e Almirante Tamandaré que são cidades da região metropolitana de Curitiba que o tempo de deslocamento até Pinhais não é menor do que 45 min. com transporte coletivo. Se observado o fator apoio familiar, constata-se que existem pais que possuem pré-conceitos sobre esta cultura marginalizando a mesma.

Se da maneira como os trabalhos estão caminhando é difícil colher novos frutos, acredita-se que em uma estrutura nos moldes da sociedade onde se está inserido seja mais complicado, pois os indivíduos perdem a tolerância diante das dificuldades, impedindo que desenvolvam o seu senso crítico para dançar, a busca de resultados rápidos, imediatos, é o que mais acontece na nossa sociedade, principalmente quando se paga para realizar uma atividade, a autocobrança se torna constante e isso pode interferir no processo criativo, “numerosos médicos e psiquiatras sabem o quanto a capacidade de criar é fator de cura (qualquer que seja o campo (...)). Isto significa que o ser “normal” é criador” (BERGE 1986 p. 118), assim sendo o ser humano é criador por natureza, mas estímulos externos ou internos podem inibir este comportamento do homem.

O grupo de *Break Flying Boys Crew* está a todo o momento montando e remontando espetáculos, uma das apresentações, intitulada *Escravos da Pátria* mostra através da dança a vida de soldados em batalha, o momento no qual eles se submetem a trabalhar pelo seu país, dispostos a sacrificar a própria vida. Com isso, desenvolve-se uma representação da realidade e da época em que os soldados estão inseridos, através de uma tematização com os movimentos característicos dessa dança (os quais foram citados anteriormente no item anterior, somados a adaptações dos mesmos e criações, individual ou coletiva), tais tematizações buscam fazer da cultura Hip Hop algo cada vez mais reconhecido pela sociedade.

O grupo Flying Boys Crew no ano de 2003 se fixa como uma entidade privada da sociedade civil, sem fins lucrativos, são seus objetivos:

“Artigo 2º- São finalidades do GRUPO:

Promover resgate histórico e a pesquisa, social, econômica e política dos vários aspectos da Cultura Popular, sobre tudo do Hip Hop, e de quais quer manifestações similares em nível local, nacional e internacional;

- a) Manter e promover a criação de grupos culturais Hip Hop, assim como de outros afins;
- b) Estimular a criação de espaços dedicados a Cultura;
- c) Oportunizar o aprimoramento dos associados através de cursos e debates, participações em congressos oficinas e laboratórios;
- d) Despertar a consciência das comunidades sobre a contribuição da cultura popular, especialmente o Hip Hop, em nossa sociedade;
- e) Promover manifestações e apresentações culturais e artísticas, garantindo a participação de seus membros, a valorização do individuo, o reconhecimento de sua linguagem, identidade e harmonização entre as vivências pessoais e culturais;
- f) Representar perante as autoridades administrativas, legislativas e judiciárias, os interesses coletivos dos associado, resgatando a cultura, como instrumento de educação popular, na perspectiva da criatividade e a sua expressão, com ampla liberdade de manifestação;
- g) Estabelecer parcerias e manter intercâmbio com organizações similares, nacionais e internacionais, filiando-se, celebrando convênios, contratos e termos de cooperação.” (GRUPO DE BREAK FLYING BOYS CREW, 2003 p. 1)

Após esta organização que o grupo passou a ter, o numero de membros passou de cinco em 2002 para quinze em 2004, é o Hip Hop se organizando dentro da sociedade, é um exemplo a ser seguido uma vez que grupos se organizam em entidades passam o ter autonomia, e destaque, tornando-se pessoas jurídicas, o que possibilita maior influência dentro dos moldes legais para se conseguir apoios, e parcerias, com o governo e a iniciativa privada. Mas a burocracia para que isso ocorra é muito grande. Muitos grupos

tentam se organizar, contudo dificilmente conseguem se firmar e se estabelecer desta maneira devido a complicações jurídicas.

3.0 METODOLOGIA

Viu-se para a constituição desta monografia uma pesquisa preferencialmente bibliográfica das ciências sociais e humanas através de afirmações histórico-sociais de autores ligados direta e indiretamente ao tema da pesquisa como forma de embasamento teórico, e constatou-se que existem poucos estudos sobre esse assunto, a partir disso se relata experiências praticas do trabalho dinâmico de um grupo de dança desde maio de 2002, chamado Flying Boys Crew. A partir dessas vivências idealizou-se a incorporação do *Break Dance* como conteúdo nas aulas de Educação Física.

Com isso levou-se o *Break* até a escola como uma atividade extracurricular, em um trabalho de sete meses com uma dinâmica de atividades que se iniciaram com vinte integrantes e terminaram com nove em oficinas de duas horas, duas vezes por semana, esta dinâmica reforçou a idealização da possibilidade de trabalho com o conteúdo *Break* nas aulas de Educação Física escolar.

Estas atividades foram realizadas no Colégio Estadual Tenente Sprenger, localizado no bairro Jardim Atuba, em Pinhais, região metropolitana de Curitiba. Que é um colégio com uma boa infra-estrutura, vários espaços diversificados de aprendizagem, e elementos didáticos bem estruturados, quando se comparada com outras escolas publicas de Pinhais, mas não proporciona estrutura adequada para o desenvolvimento de todas as áreas da Educação Física, e esta é uma realidade na grande maioria das escolas estaduais desta região, não existe uma sala adequada para o desenvolvimento de praticas corporais como lutas, danças ou ginástica, entre outros. Os professores que se dispõe a trabalhar com estes temas precisam improvisar, Assim como na grande maioria das escolas o que se tem de espaço é uma quadra poli esportiva, uma cancha de areia com traves de futebol, uma cancha de areia com uma rede de vôlei além de mesas para a pratica de Tênis de Mesa. Para realização das aulas foram utilizadas as salas de aula convencionais, onde a cada aula era necessário organizar as carteiras de maneira que proporcionasse um espaço amplo, e ao

termino da aula recolocar no local de origem. Foram feitos relatórios a cada final de aula, se analisado as dificuldades encontradas, e quais as atividades que aviam dado certo.

Foi elaborado um plano de ensino com o objetivo geral de desenvolver a dança de maneira ampla para o aluno, estimulando o contato com outros alunos além da tentativa promover a quebra de tabus sociais a respeito da dança. Buscou-se justificar as afirmações, esclarecer duvidas pedagógicas e reformular planejamentos para futuras aplicações através da fundamentação teórica.

4.0 DISCUSSÃO

O *Break*, enquanto um estilo de dança, pode ser incorporado ao conteúdo vinculado às modalidades da Educação Física Escolar (Dança, Esportes, Lutas, Ginásticos e Jogos). Sendo assim, o profissional de Educação Física pode ampliar os conhecimentos de seu aluno com relação à grande variedade de atividades que eles podem conhecer, não privá-los de suas inúmeras possibilidades, e sim “favorecer para que a criança possa dispor do seu corpo como fonte de investigação criativa” (ANDRADE, 1991 p. 113), assim como não pode deixar de lado diversos outros conteúdos, tais como Balé, Danças de Salão, Jogos Cooperativos, Brinquedos Cantados, entre outros.

No *Break* tem-se a possibilidade de criação por parte do aluno, o que facilita a ele uma emancipação na cultura corporal, ou seja, o aluno é livre, autônomo em suas movimentações. O professor age como um agente instigador que propõe ao aluno uma movimentação e em seguida transmite elementos que o incentivam a criar novos rumos corporais, esta criação pode ser feita baseada em tematizações que estejam próximas do cotidiano do aluno, ou o professor pode ser o agente que aproxima o tema do educando, para posteriormente utilizar do mesmo para dançar.

Em uma experiência¹⁷ de sete meses com alunos de uma escola pública de Pinhais-PR, em uma atividade extracurricular ensinando-se *Break* e Dança Contemporânea, observou-se um interesse paralelo de meninos e meninas, em um grupo que iniciou com vinte pessoas e terminou com nove, sendo esses compostos de cinco meninas e quatro meninos, além, é claro, da rotatividade que ouve durante o processo dos sete meses, esses alunos se encontravam na faixa etária de 13 a 16 anos. Tanto os alunos que ficaram durante todo o processo como os que saíram antes do término das atividades levaram consigo uma experiência nova na arte do dançar, uma dança que não está a todo o momento sendo imposta pelos meios de comunicação de massa, mas sim algo que eles quiseram fazer de espontânea vontade. O que deve ser levado em conta,

17 Ver figura 05,06 e 07

aqui, é que todos os alunos tiveram que adaptar uma atividade que ainda não pertencia à sua rotina de vida, se o *Break* já estivesse incorporado nas aulas de Educação Física, haveria a possibilidade de alcançar um maior número de pessoas. Observa-se que as aulas foram bem aceitas pelos alunos, pessoas que nunca tiveram contato com práticas semelhantes viram ali uma atividade saudável e divertida. Em alguns momentos a prática da Dança não era possível, e constata-se que os alunos sentiam falta¹⁸ disso, porém nem tudo era aceito da melhor maneira possível, devido provavelmente a falta de proximidade entre alguns alunos ou de timidez, o fato de conseguir dançar na frente dos colegas em uma roda de *Break* nem sempre se concretizava, houveram situações de alunos que nunca dançaram sozinhos frente aos outros da turma.

Este trabalho foi uma atividade do projeto de extensão universitária Q-Dança¹⁹, da Universidade Federal do Paraná, o qual ofereceu suporte pedagógico para a realização das aulas.

Faz-se necessário difundir os diversos tipos de cultura existentes na sociedade, e o ambiente escolar é o melhor lugar para que isso aconteça. Deve-se conceber atividades de incentivo para o desenvolvimento do senso crítico, e da criatividade, e o *Break* emprega todas essas qualidades ao mesmo tempo, o aluno pode conquistar uma opinião sobre a cultura em questão e bem como sobre a movimentação praticada, e decidir se é algo para ser levado a sério, como uma atividade rotineira, ou apenas como experiência, além de movimentar o seu corpo de uma maneira com a qual o mesmo não está habituado e para ele criar novos movimentos. Uma vez que trabalha constantemente com a improvisação, tendo-se “a improvisação como conteúdo da dança na escola, porque ela permite a todas as pessoas dançarem - ou movimentarem-se expressivamente - dentro das suas possibilidades individuais” (FIAMONCINI & SARAIVA, 1998, p.100), e com isso, o professor pode estimular maior contato entre seus alunos e diversas questões podem surgir e serem discutidas, no entanto estar atento a esses momentos e saber aproveitar oportunidades, e não deixar questões como violência, corrupção,

18 Ver Anexo 03, Relatório de aula

19 Ver Anexo 04

drogas e preconceito, que são tão debatidas entre as pessoas envolvidas na cultura Hip Hop, passarem despercebidas.

O preconceito é algo que se pode tomar como exemplo, “por exemplo, muitas professoras que presenciam cenas em que alunos negros são rejeitados e discriminados pelos colegas brancos e não tomam nenhuma providência” (VALENTE 1994 p. 52), se em uma aula de *Break* o professor propor uma atividade onde os alunos tenham que ficar de mãos dadas para aprender um passo pode-se com isso promover a socialização assim como na aplicação de diversos conteúdos, recriminar o aluno que ofende o outro em alguns casos pode não ter o efeito desejado, propor uma atividade que proporcione maior contato pode ser uma alternativa para neutralizar preconceitos sobre as diferenças.

A dança em geral é um conteúdo riquíssimo e que proporciona diversos benefícios para o aluno, “em toda criança germina a vontade ‘espontânea’ de dançar” (MARQUES, 1997, p. 35), o *Break* é apenas uma das opções para fazê-lo, e uma das muitas abandonadas pelos profissionais que estão na ativa, que optam por uma Educação Física de conteúdo restrito à prática dos esportes coletivos, e ainda existem aqueles que nem isso oferecem com qualidade.

A diversidade de atividades é um fator altamente benéfico para a criança, que deve experimentar de tudo durante seu processo de maturação, a educação deve ser ampla, ou seja, restringir o seu aluno a uma única prática dificulta ao professor e ao próprio aluno a identificação daquela que melhor se adapta para planos futuros.

A partir do momento que os professores de Educação Física tomarem conhecimento deste estudo, analisarem as contradições e reformularem pensamentos, uma pergunta deve ser proposta: Como buscar a Hip Hop para se trabalhar na escola? Uma opção é entrar no universo desta cultura, e tornar-se um elemento, ou seja, estar ativo na cultura como um *B.Boy*, *Grafitreiro*, *Mc* ou *Dj*, mas como essa alternativa é complexa pelo fato de nem todas as pessoas estarem pré-dispostas a modificar sua rotina de vida e assim incorporar uma nova cultura, tem-se uma segunda opção: Desenvolver dentro das escolas,

principalmente publicas, pelo menos um pouco deste trabalho, pode-se ter certeza que vai existir algum *B.Boy* ou *B.Girl* disposto a compartilhar desse conhecimento, sendo assim o professor pode se utilizar do conhecimento de alguns alunos para ensinar a outros, uma vez que um dos principais ideais do Hip Hop é que todos tenham a possibilidade de ter tudo, principalmente o conhecimento.

5.0 CONCLUSÃO

Observando os precedentes históricos da cultura Hip Hop que fundamentam todos os valores e conceitos enraizados nesta cultura que são de fundamental importância para a sua aparência atual que luta contra as injustiças sociais. Conclui-se que o Hip Hop se modifica através dos tempos, além de modificar os locais onde interage, sofrendo adaptações.

Considera-se a sua conjuntura total atual, seus conflitos internos e externos e seus ideais. Discute-se a sua importância como meio pedagógico educacional, em diversas disciplinas, mas principalmente fazendo parte dos planos de ensino da disciplina de Educação Física no Ensino Médio e Fundamental, regular, supletivo ou especial, através do *Break Dance*.

Pode-se afirmar que a área da Educação Física escolar tem a ganhar como este conteúdo, uma vez que um dos principais objetivos desta disciplina é o de educar o ser humano para a Atividade Física, mas para isso ocorrer é necessário que a pessoa tenha durante o período pré-adolescente até o fim da adolescência experienciado uma grande gama de movimentos, para então buscar uma especialidade, que não necessita necessariamente um aperfeiçoamento de alto nível pode se tornar apenas uma atividade de rotina. Sendo assim o Hip Hop não pode ser aplicado em detrimento a outros conteúdos, o que se busca é uma parcela no planejamento anual do professor, para que futuramente possa se tornar uma atividade de hábito ou de experiência de vida para o aluno.

Uma vez que a Educação Física busca a formação psicológica, social e motora, e sendo que o Hip Hop também possui esses objetivos, é totalmente coerente e a utilização do Hip Hop pelo professor. Seu caráter pedagógico se desvela pelo fato de trabalhar a criatividade, o *Break* faz com que a pessoa descubra o seu corpo possibilitando novas movimentações, e proporcionando praticar uma atividade física alegre, descontraída e que permite a socialização do conhecimento, o professor transmite o seu conhecimento, o aluno absorve a sua maneira e cria novos conhecimentos que poderá veicular para outras pessoas inclusive o próprio educador.

Conclui-se também que o conteúdo estudado permite estimular novas pesquisas a respeito deste assunto. Os profissionais da área da Educação Física podem conhecer o Hip Hop e posteriormente buscar novos conhecimentos uma vez que tenham se conscientizado da relevância pedagógica da cultura popular e neste caso do Hip Hop.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, E.T. Corpo e Fantasia no processo do conhecimento. In: HUET, B. **O jogo e a construção do conhecimento na pré-escola**. São Paulo, 1991.

BERGE, Y. **Viver o seu corpo, por uma pedagogia do movimento**, 3ed; São Paulo: Martins Fontes 1986.

COSTA, M. P. **A Dança do Movimento Hip Hop e o Movimento da Dança Hip Hop**, 2003 31 f. Monografia (graduação em Licenciatura em Educação Física) – UFPR; Curitiba.

FIAMONCINI, L.; SARAIVA, M.C. A dança na escola: a criação e a co-educação em pauta In: KUNZ, E. **Didática da Educação Física I**, Unijui: UNIJUI, 1998.

GRUPO DE BREAK FLYING BOYS CREW. **Estatuto**, disponível em: <http://www.fbc.pt.to>. Acesso em 10 de outubro de 2004.

GRUPO THE FACE. **Estilos**, Disponível em: <http://www.the-face.net/estilos>. Acesso em 14 de Jan. de 2003.

HERSCHMANN, M. **Brasil afro-brasileiro: Mobilização, ritmo e poesia**, O hip hop como experiência participativa. Belo Horizonte: Autentica 2000.

MARQUES, I. A dança criativa o mito da criança feliz In: **Revista de Educação Física**, v.5, N°1, p.28-39,1997.

MATTA, R. da. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

ORTIS, M.; ISLER, G.; DARIDO, S. C. Atividade física e aderência: considerações preliminares In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** v.21 N° 1, 1999.

PIMENTEL, S. **O livro vermelho do Hip Hop**. Disponível em: <http://www.bocadaforte.com.br/olivrovermelho>. Acesso em 10 de julho de 2004.

SHETARA, P. **A nação Hip Hop**, Brasília: UNE,(?).

SILVA Jr., E. E. **MOVIMENTO HIP HOP EM MOVIMENTO**, 2002 35 f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Educação Física) – UFPR; Curitiba.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fabrica de corpos: A dança na escola. **Caderno Cedes**, São Paulo, N° 53, 2001.

VALENTE, A. L. E. F. **Ser Negro no Brasil hoje**,11 ed., São Paulo: Moderna, 1994.

ANEXO 01 - IMAGENS ILUSTRATIVAS

Fig. 1 Exemplo de *Graffiti*



Fig. 2 *Freeze*



Fig. 3 *Foot Work*



Fig. 4 Grupo Flying Boys Crew



Fig. 6 Aulas 01



Fig. 5 Aulas 02



Fig. 7 Aulas 03

Anexo 02 – Exemplo de letra de musica Rap

Musica: Samurai de Papel (Mc Magú)

Há uma estrela que me leva pelas terras mais distantes/
 Serve de guia e serve de amante/
 Me olha lá do céu me cuida me protege/
 É cura comida minha sede minha pele/
 Alguém igual a mim e ao mesmo tempo diferente/
 Amor e alma, ambos pertinentes/
 Toda feita de esperança saudade do que não sei/
 Sendo um Zé ninguém vadio ainda sim um rei/
 Se me senti vazio por falta de poesia/
 Sentir o que não sinto vinte e três horas por dia/
 Ao passo preso da melancolia doce/
 Da sensação de falta do apreço de quem o trouxe/
 Até o medo do escuro o futuro à deus pertence/
 Tudo isso é disforme por mais que a vida adorme o pescoço/
 Pra sair com o destino saberá que ele é um menino tem que estar em casa as
 onze/
 Da timidez do sol que ao ver a lua se esconde, de esconde/

Refrão

Alguma e corda que ninguém corta/
 Mantendo o pulso atado força de vontade pra chegar do outro lado/
 Amena, singela, serena quem se importa/
 Mantendo pulso atado força de vontade pra chegar do outro lado, do outro lado/

Bis

A filha da raça azul vadia sobre o trigal/
 Espaço em banco na mente sem enfeite açúcar ou sal/
 Buscava efeito do tempo acalento e amor/
 Queria o amigo cinzento pra lhe presentear uma flor/
 O cheiro que a brisa trouxe acenou o dejavu/
 Lembrando de um tempo que ainda estava por vir/
 Senti falta de ti mesmo sem te conhecer/
 Vim te visitar num sonho precisava te ver/
 Invadi teu sonho buscando matar ansiedade/
 Falar com seus olhos/
 Olhar com seus olhos/
 Viver de verdade, viver de verdade/

Refrão

Alguma e corda que ninguém corta/

Mantendo o pulso atado força de vontade pra chegar do outro lado/
Amena, singela, serena quem se importa/
Mantendo pulso atado força de vontade pra chegar do outro lado, do outro lado/

Bis

Por isso ainda componho a distância que ao sonho me atrai/
No papel me fiz Samurai/
Por isso ainda componho a distância que ao sonho me atrai/
No papel me fiz samurai/
E há ainda quem diga, em uma estranha cantiga/
Que tem a vida como aliada e a morte por amiga/
há ainda quem diga, em uma estranha cantiga/
Tenho a vida como aliada e a morte por amiga/

Anexo 03 – Relatório de Aula de Dança

Universidade Federal do Paraná
Setor de Ciências Biológicas
Departamento de Educação Física
Projeto de Extensão Universitária Q-Dança/PROEC

Bolsista: Robson Marques Machado

Relatório da aula de quarta-feira 18 de setembro de 2002

A aula foi destinada à discussão e planejamento das novas tarefas do grupo que estão por vir no decorrer do segundo semestre deste ano: Mostra do projeto Q-dança, Oficina do Q-Dança e Festival de Ginástica e Dança de Curitiba. A partir disso foram acertados os detalhes dos eventos, datas, horários e número de ensaios que antecedem cada um deles.

Foi feita uma discussão sobre a Oficina que ocorreu no Departamento da Educação Física – UFPR, no último final de semana, e observou-se grande satisfação por parte dos alunos.

Todos estão a espera da próxima oficina que está programada para o mês de novembro.

Não houve tempo para a prática da Dança, e com isso viu-se que os alunos ficaram um pouco descontentes.

Anexo 04 – Projeto Q-Dança

Ministério da Educação
Universidade federal do Paraná

Pró-reitoria de extensão e cultura
Coordenadoria de extensão

Continuidade de projeto de extensão universitária

1. Identificação

1.1. Título: Q-dança	
1.2. Áreas Temáticas: Trabalho	
Área Temática Principal: educação e saúde	
Área Temática Complementar: educação e saúde	
Outra se houver:	
1.3. Ementa: O projeto pretende proporcionar para a criança, adolescentes e adultos um espaço de experimentação da dança enquanto manifestação da cultura corporal, explicitando os conflitos existentes na realidade social, ajudando-lhes a compreenderem melhor o contexto onde vivem. Essa nova etapa do projeto busca ampliar os espaços na comunidade próxima a UFPR, criando um espaço para os adultos também vivenciarem a dança, assim como as crianças e jovens. Nesse sentido buscamos ampliar as modalidades trabalhadas incluindo a dança do ventre e a dança acrobática além da dança contemporânea, dança de rua e patinação. Outra meta é a ampliação do número de escolas que o projeto atende, priorizando aqueles que se encontram em uma situação de exclusão social. Participação em Festivais e Mostras de dança dentro e fora da cidade de Curitiba, ampliando a formação de grupos que estabeleçam vínculos mais permanentes e um trabalho mais prolongado, como o grupo de dança S's, que faz parte do projeto desde 2000. Criação de momentos e espaços de contato e troca entre as turmas de dança coordenados/ as pelos/ as alunos/ as do projeto para ampliar as vivências e qualificar a apreciação crítica em dança. Estabelecer interfaces com outros projetos da UFPR, bem como com outras áreas do conhecimento, para ampliar a idéia de pesquisa temática, aprofundando os estudos sobre o tema e as formas de linguagem.	
1.4. Data de Início: 1º. 03.2002	
1.5. Data de Término: 15.12.2002	
1.6. Coordenador: Astrid Baecker Ávila	Unidade de Lotação: Dep. Educação Física/Setor de ciências Biológicas
Telefone: 262-7574	E-mail: astrid@edf.ufpr.br
1.7. Vice-coordenador:	Unidade de lotação:

1.8.Instituições/ Unidades envolvidas:	
- da UFPR (setor(es)/departamento(s)/ou unidade(s): Centro de Educação Física e Desportos, Departamento de Educação Física	Parcerias: Escola Estadual Manoel Ribas Outras escolas públicas que queiram aderir o projeto Outros espaços na comunidade.

2. Justifica

(Fundamentar a partir da avaliação do projeto e das perspectivas futuras constantes no relatório do exercício anterior)

A dança como uma manifestação artística que acompanha a humanidade desde seus princípios, é considerada pelos/ as artes educadores/as como uma forma de desenvolver a criatividade, a expressão, a comunicação, sensibilizando os seres humanos. Para tal, a dança precisa rever seus pressupostos metodológicos, deixando o simples repasse de passos, para serem decorados pelos alunos, e assumir uma tarefa mais audaciosa para resultar numa ação mais profunda e emancipatória. Consideramos de total importância à democratização do acesso aos bens culturais, no nosso caso, a dança. Fazendo a comunidade entrar no espaço da própria comunidade e das escolas. Outra forma de participação refere-se as apresentações dos trabalhos produzidos no projeto que estabelece com o público uma forma de linguagem através da arte, ampliando as referências para a apreciação crítica.

3.Objetivo:

- Propiciar um espaço de vivência da dança nos quais os/ as alunos/as possam ter diferentes perspectivas da realidade;
- Conhecer diferentes estilos de dança, reconhecendo como forma de expressão e comunicação;
- Aprender, criar e recriar encenação temáticas;
- Utilizar diferentes fontes de pesquisa, formas de linguagem e recursos didáticos e matérias através de problematizações que resultem num processo de criação coreográfica;
- Estabelecer diferentes vínculos com a comunidade, envolvendo os alunos, os pais e o público em geral, através de apresentação, estudos, discussões, pesquisas
- Buscar através do projeto estabelecer interfaces com outros projetos da UFPR e com outras áreas de conhecimento aprofundando as pesquisas temáticas;
- Divulgar o projeto através de apresentação dos relatórios acadêmicos e das coreografias dentro e fora do país.

4. Metodologia e Avaliação

4.1. Metodologia:

O trabalho a ser desenvolvido apoiar-se-á nas técnicas de improvisação, não trabalhando com o recorte da especificidade de um estilo de dança, mas ampliando as referências de movimento a partir dos vários estilos. Busca-se então estratégias didáticas que permitem dar uma forma espontânea ao movimento e, ao mesmo tempo, apreender técnicas de movimentação, entendendo estas como “formas adequadas e conscientes que o autor do movimento encontrou para solucionar a tarefa proposta” (Fiamoncine e Saraiva, p.102, 2000). Assim nossa compreensão de técnica perpassa tanto o sentido exposto acima como as técnicas institucionalizadas, que são fruto do saber cultural da humanidade e que encontram-se sistematizadas nos estilos de dança. Ambas fazem parte do processo de ensino-aprendizagem preconizado por este projeto. As aulas se desenvolvem a partir dos projetos temáticos, cujos os mesmos são definidos na discussão com cada turma. A partir disso além do trabalho com as práticas corporais entra a pesquisa e estudo sobre o tema, podendo ser enriquecida com palestrantes, filmes, obras de arte... Utilizamos da observação das aulas como subsidio para recondução do planejamento das aulas tornado-se uma importante forma de avaliação.

O andamento do projeto ocorre com reuniões semanais de planejamento e avaliação e, encontros quinzenais do grupo de estudos, no qual permitimos que outros alunos do curso de Educação Física participem. Temos encontros de orientação das monografias que tratam dos temas relacionados ao projeto, havendo encontros mensais, onde alunos e professora se encontram para discutirem coletivamente o andamento das pesquisas. Pretendemos organizar encontros e seminários que permitam chamarmos pesquisadores de outras áreas do conhecimento para enriquecer nossa produção acadêmica, como também propiciar trocas com outros projetos de temas afins, principalmente da área de música, artes plásticas e cênicas. Para finalizar o projeto gostaríamos de produzir um artigo com a discussão desta proposta e um espetáculo que reúna todos os grupos envolvidos no projeto.

4.2. Avaliação:

Para esta fase do projeto pretendemos que cada local onde o projeto se desenvolve faça uma avaliação formal para ser entregue e anexada no relatório final. Isto não retira a necessidade de uma avaliação que seja processual e continua, para permitir alterar o planejamento. Esta feita pelas observações e pela conversa que realizamos ao final de cada aula com os alunos, e ainda em reuniões que são realizadas em outros espaços e que contam com pessoas que participam direta e indiretamente do projeto (como o caso dos pais, irmãos/as, namorados/as). Outra forma de avaliação ocorre no próprio espetáculo, onde registramos para iniciar as discussões de fechamento do projeto. Além do relatório produziremos um artigo que também retratará uma avaliação global do projeto,

que será apresentado para a comunidade acadêmica em congresso e revista especializada da área.